

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

CAROLINA MAZOTI PEREIRA

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA PRIMEIRA INFÂNCIA:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E  
EMOCIONAL**

GOIÂNIA, 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Carolina Mazoti Pereira

Título do trabalho: O ensino de artes visuais na primeira infância: contribuições para o desenvolvimento cognitivo e emocional

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 10:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Mazoti Pereira, Discente**, em 15/12/2025, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5775864** e o código CRC **E3E306DF**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.058305/2025-49

SEI nº 5775864

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

CAROLINA MAZOTI PEREIRA

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA PRIMEIRA INFÂNCIA:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E  
EMOCIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso Graduação  
em Artes Visuais Licenciatura da Faculdade de  
Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciada/o em Artes Visuais.  
Orientação: Valéria Fabiane Braga Ferreira  
Cabral

GOIÂNIA, 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pereira, Carolina Mazoti  
O ensino de artes visuais na primeira infância [Manuscrito]: contribuições para o desenvolvimento cognitivo e emocional / Carolina Mazoti Pereira. - 2025. LXIII, 63 f.: 2025

Orientadora: Prof(a). Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2025.  
Inclui: lista de figuras.

1. Artes Visuais. 2. Educação Infantil. 3. Desenvolvimento Infantil. 4. Experiência Estética.

I. Cabral, Valéria Fabiane Braga Ferreira, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dois dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “O ensino de artes visuais na primeira infância: contribuições para o desenvolvimento cognitivo e emocional”, de autoria de Carolina Mazoti Pereira, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Luzia de Abreu (FAV/UFG) e prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Rogéria de Aguiar (DEI/CEPAE/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,0, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 02/12/2025, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 02/12/2025, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Rogeria De Aguiar, Professor do Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 21/01/2026, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5775877** e o código CRC **6C8518B8**.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Maurício e Sílvia, por terem acreditado em mim e apoiado minha escolha de curso, mesmo não sendo a que vocês inicialmente desejavam. Sou grata por todo o amor, cuidado e sacrifícios que fizeram para que eu chegasse até aqui. Cada gesto, cada esforço, cada palavra de incentivo foram fundamentais para que eu pudesse seguir meus sonhos.

Agradeço também aos meus avós, Ciso e Cida, que me ajudaram financeiramente durante toda a minha graduação. Sem essa ajuda, nada disso teria sido possível. O apoio de vocês foi essencial, e guardo com muito carinho cada gesto de generosidade que me permitiu trilhar este caminho.

Quero agradecer à minha prima Letícia, que sempre acreditou no meu talento artístico e me presenteava com materiais de artes, celebrando minhas conquistas desde os primeiros passos. Sua confiança e entusiasmo foram combustível para minha trajetória.

Agradeço a todos os amigos que fiz em Goiânia, que tornaram a vida mais leve e alegre com a presença de vocês. Em especial, deixo meu agradecimento à Maria Eduarda e ao Matheus Lima, meus colegas de casa e companheiros de jornada. Para nós, que viemos de longe em busca de um sonho, as amizades se transformaram em família, e sou imensamente grata por ter vocês ao meu lado.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora, Valéria, por me permitir trabalhar ao lado de uma professora que admiro tanto. Sem sua orientação, este trabalho não teria sido possível. Agradeço também a todo o corpo docente da FAV, a todos os professores que sempre foram compreensivos, pacientes e generosos comigo. A sabedoria de vocês construiu um pilar sólido da minha formação. Agradeço ainda aos professores e professoras que já passaram pela minha vida e me marcaram de alguma forma; é um privilégio poder seguir a carreira de transformar vidas, assim como vocês transformaram a minha.

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga como as artes visuais contribuem para o desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, destacando a importância de práticas pedagógicas sensíveis, lúdicas e esteticamente estimulantes na Educação Infantil. A pesquisa combina revisão narrativa e relatos de experiências vivenciadas em estágios supervisionados, possibilitando a articulação entre teoria e prática. A partir da observação de crianças em diferentes contextos educativos, foram elaboradas propostas que exploram cores, texturas, formas e linguagem poética, fortalecendo a percepção sensorial, a criatividade, a socialização e o senso de pertencimento ao ambiente natural e cultural. Como culminância da pesquisa, foi desenvolvida uma proposta de livro infantil autoral “Quem é esse animal?”, que integra elementos do bioma Cerrado, promovendo experiências visuais e cognitivas significativas para a faixa etária estudada. Os resultados evidenciam que a arte na primeira infância constitui um recurso pedagógico essencial, capaz de favorecer o desenvolvimento integral, o vínculo afetivo e a construção de identidades culturais.

**Palavras-chave:** Artes Visuais; Educação Infantil; Desenvolvimento Infantil; Experiência Estética.

## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis investigates how visual arts contribute to the development of children aged 0 to 2 years, highlighting the importance of sensitive, playful, and aesthetically stimulating pedagogical practices in Early Childhood Education. The research combines a narrative review and reports from supervised internships, allowing the articulation between theory and practice. Based on observations of children in different educational contexts, activities were designed that explore colors, textures, shapes, and poetic language, strengthening sensory perception, creativity, socialization, and a sense of belonging to the natural and cultural environment. As a culmination of the research, the original children's book "Who is this animal?" was developed, integrating elements of the Cerrado biome and promoting meaningful visual and cognitive experiences for the target age group. The results show that art in early childhood constitutes an essential pedagogical resource, fostering holistic development, affective bonds, and the construction of cultural identities.

**Keywords:** Visual Arts; Early Childhood Education; Child Development; Aesthetic Experience

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01- A proposta “Explorando Texturas”.....	37
Figura 02- Resultado visual da proposta “Explorando Texturas”.....	38
Figura 03- Contando a história.....	41
Figura 04- Pegando folhas.....	42
Figura 05- Realização da prática.....	43
Figura 06- Esboço da ideia.....	49
Figura 07- Página do Lobo-Guará.....	51
Figura 08- Página da Jibóia.....	52
Figura 09- Página da Arara-Azul.....	53
Figura 10- Página da Onça-Pintada.....	54
Figura 11- Página da Capivara.....	55

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. MOTIVAÇÃO, TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	14
<b>2. BASES TEÓRICAS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE</b> .....	19
<b>3. ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	25
<b>4. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, CRIATIVIDADE E DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA</b> .....	30
<b>5. RELATOS DE EXPERIÊNCIA</b> .....	35
<b>6. PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE LIVRO INFANTIL COMO MATERIAL PEDAGÓGICO</b> .....	45
6.1. PROCESSO CRIATIVO E PRODUÇÃO DO LIVRO INFANTIL .....	49
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>8. REFERÊNCIAS</b> .....	60

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge do interesse em compreender como as artes visuais podem contribuir para o desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, articulando vivências pessoais e fundamentação teórica adquirida ao longo da graduação. A escolha do tema se relaciona às experiências nas disciplinas de Psicologia da Educação e aos estágios realizados na Educação Infantil, onde o contato direto com crianças pequenas evidenciou a importância da arte para estimular diferentes dimensões do desenvolvimento humano, como aspectos cognitivos, motores, emocionais e sociais. Minha trajetória, marcada pelo contato com múltiplas linguagens artísticas desde o SESI (2006) até a retomada presencial à UFG após a pandemia em 2022, reforça a compreensão da arte como experiência sensível e significativa no processo educativo.

Para compreender o desenvolvimento infantil, é fundamental recorrer às principais teorias que explicam a formação da personalidade e os processos cognitivos, afetivos e sociais nos primeiros anos de vida. A personalidade é entendida como resultado de vivências sensoriais, afetivas e sociais que se estruturam progressivamente. Contribuições de autores como Freud (1948), Vygotsky (1998) e Piaget (1974) oferecem diferentes perspectivas sobre esse desenvolvimento: desde a importância das fases iniciais da vida, passando pelo papel das interações culturais mediadas pela linguagem, até a construção do conhecimento por meio da ação e da exploração do ambiente. Essas perspectivas mostram que corpo, mente e contexto interagem continuamente na constituição da criança.

A arte, enquanto linguagem própria da infância, assume um papel central no campo educativo. Diferentes abordagens ainda persistem nas escolas, muitas vezes limitando a prática artística a cópias ou a exercícios espontâneos sem mediação. Entretanto, a literatura sobre o ensino de arte indica que a intervenção docente qualificada é essencial para proporcionar experiências estéticas significativas, capazes de ampliar a criatividade, a expressão e a capacidade de interação das crianças com o mundo. Dessa forma, o ensino da arte deve ser planejado, intencional e sensível às particularidades de cada faixa etária.

Nesse contexto, a experiência estética é entendida como elemento estruturante do desenvolvimento infantil. A relação ativa entre corpo, sentidos e ambiente permite que a criança explore materiais, cores, sons e texturas,

promovendo aprendizagens que vão além da simples reprodução. A abordagem de Dewey (1985), junto às ideias de Piaget (1974), Vygotsky (1998) e Freire (1996), reforça que a ação, a interação e a autoria são componentes centrais no processo educativo. A arte, portanto, atua como recurso essencial para estimular imaginação, percepção, comunicação, autonomia e pensamento crítico desde os primeiros anos de vida.

Relatos de vivências práticas em contextos de Educação Infantil foram determinantes para sustentar a compreensão sobre o tema. A participação nos estágios, tanto no DEI/CEPAE-UFG quanto no Coletivo Educare, possibilitou observar na prática como crianças de 1 a 3 anos se desenvolvem por meio das interações, das brincadeiras e das explorações sensoriais. Atividades como “Explorando Texturas” e “A Mãe do Cerrado” evidenciaram o potencial da arte e do contato com a natureza para ampliar percepção, criatividade, autonomia, vínculos afetivos e senso de pertencimento ao território. Essas experiências reforçam a importância da articulação entre teoria e prática, fundamentando uma docência sensível e ética.

O estudo também contempla o desenvolvimento de um objeto de aprendizagem voltado ao contato da criança com as artes visuais. Esse material é concebido a partir de fundamentos teóricos sobre desenvolvimento infantil e educação estética, buscando ampliar oportunidades de exploração sensorial, imaginação e interação cultural. A elaboração de recursos pedagógicos autorais possibilita articular teoria e prática, oferecendo alternativas para experiências educativas mais ricas e significativas.

O processo criativo que orienta a elaboração desses recursos envolve decisões sobre estética, linguagem e pedagogia. A escolha de materiais, cores, formas e estratégias de mediação é pensada para favorecer o envolvimento ativo da criança, estimulando curiosidade, percepção e expressão. Considerar não apenas os conteúdos, mas também os modos de apresentação e experiência das crianças contribui para aprendizagens mais efetivas e sensíveis à realidade infantil.

Por fim, a pesquisa se insere na perspectiva de valorizar a arte como direito da criança e como elemento central para seu desenvolvimento integral. Investigar como diferentes experiências visuais podem favorecer aprendizagem, expressão e construção de sentidos na primeira infância permite subsidiar práticas pedagógicas

mais qualificadas, fortalecendo a compreensão da arte como componente essencial na Educação Infantil e na formação integral da criança.

## 1. MOTIVAÇÃO, TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema central a investigação sobre como as artes visuais impactam o desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos. A escolha deste tema surgiu a partir de experiências vivenciadas durante a graduação em Licenciatura em Artes Visuais, especialmente nas disciplinas de Psicologia da Educação I e II e nos Estágios Supervisionados I e II. Nessas vivências, foi possível observar que o contato com produções artísticas e estímulos visuais pode colaborar de maneira significativa para o desenvolvimento integral da criança, auxiliando no aprimoramento de aspectos cognitivos, motores e emocionais. A proposta do estudo está alinhada ao compromisso formativo do curso, que busca pensar a arte como linguagem, expressão, mediação no processo educativo e conhecimento.

Para aprofundar o entendimento sobre a escolha deste tema, considero importante apresentar parte da minha trajetória pessoal. Relatar meu caminho até aqui possibilita compreender melhor como meu interesse pela educação infantil e pelas artes visuais foi se construindo ao longo do tempo e de que maneira minhas vivências se conectam ao ponto de vista que sustenta este trabalho.

Mesmo frequentando as aulas presenciais da Universidade Federal de Goiás, localizada na capital do estado, tive de me deslocar de longas distâncias para vivenciar as experiências que a instituição proporciona, mais precisamente do interior do estado de São Paulo, onde se encontra minha cidade natal. Grande parte da minha formação escolar ocorreu no SESI, onde permaneci por dez anos. Nesse período, mantive contato constante com as artes em suas diversas linguagens — teatro, música, canto, desenho, escultura, colagens, entre outras manifestações.

Embora à época eu não tivesse plena consciência da relevância dessas experiências, hoje, com a bagagem construída ao longo do curso de Licenciatura em Artes Visuais, reconheço que tais vivências foram essenciais para a formação da minha sensibilidade. Uma escola que valoriza diferentes linguagens de aprendizagem prepara seus estudantes não apenas para a vida acadêmica, mas também para que se tornem sujeitos críticos, criativos e conscientes de si mesmos e do mundo ao seu redor. Como defende Herbert Read (1943), a arte deve constituir a base da educação e seu ensino não se restringe ao desenvolvimento técnico, mas promove a formação integral do indivíduo.

Em 2020, mudei-me para Goiânia para iniciar a graduação na UFG. Entretanto, poucas semanas após o início das aulas, a pandemia de COVID-19 trouxe um período de incertezas e isolamento, que só terminou de fato em 2022, quando pude voltar para a cidade e retomar presencialmente minha formação. Esse contexto, apesar das dificuldades, também me fez refletir sobre o papel da arte como forma de resistência, acolhimento e expressão, uma vez que, mesmo em meio ao distanciamento social, encontrei nas linguagens artísticas uma maneira de me manter conectada comigo mesma, com o próximo.

Em 2023 tive a oportunidade de cursar o Estágio Supervisionado I e II, no Departamento de Educação Infantil da UFG (DEI), onde atuei no Agrupamento Arara<sup>1</sup>, composta por crianças de 1 a 2 anos. Essa experiência foi um divisor de águas na minha formação, pois coincidiu com o período em que também cursava a disciplina Psicologia da Educação II. Estudar o desenvolvimento infantil com base em autores como Freud, Piaget e Vygotsky, ao mesmo tempo em que observava e interagia com as crianças no espaço da creche, foi extremamente enriquecedor. Essa articulação entre teoria e prática fez com que eu desenvolvesse um olhar mais profundo sobre a infância e despertou em mim um interesse especial pela educação infantil.

Foi nesse momento que percebi a riqueza das possibilidades de ensino e aprendizagem na primeira infância. As crianças, com suas mentes em pleno desenvolvimento, oferecem constantemente novas formas de troca e de descoberta. Uma escada, por exemplo, que para os adultos não passa de um simples obstáculo, pode se tornar para uma criança uma aventura grandiosa, cheia de significados. Esse olhar encantado sobre o mundo, revela como o processo de desenvolvimento cognitivo é marcado por curiosidade, criatividade e descobertas. Piaget (1974) nos mostra que, na primeira infância, a criança constrói seu conhecimento por meio da interação ativa com o ambiente, explorando, experimentando e criando hipóteses sobre o mundo que a cerca. Já Vygotsky (1934) enfatiza que esse processo é também profundamente social: as trocas e interações com adultos e outras crianças são fundamentais para que a aprendizagem aconteça.

---

<sup>1</sup> O Departamento de Educação Infantil organiza as crianças em agrupamentos seguindo distribuição por faixa etária da seguinte forma: Arara (Grupo I): de um ano a um ano e onze meses; Lobo Guará (Grupo II): de dois anos a dois anos e onze meses; Tatu Bola (Grupo III): de três anos a três anos e onze meses; Jacaré (Grupo IV): de quatro anos a quatro anos e onze meses e Dinossauro (Grupo V): de cinco anos a cinco anos e onze meses

É nesse ponto que entendo a importância da arte para essa faixa etária. A arte, para mim, sempre esteve associada ao afeto, à expressão e à possibilidade de enxergar o mundo por diferentes perspectivas. Durante a infância, as experiências estéticas não são apenas atividades lúdicas, mas também um caminho para o desenvolvimento do senso crítico, da autonomia e da sensibilidade. O contato precoce com as artes permite à criança não apenas vivenciar processos criativos, mas também elaborar compreensões sobre si mesma e sobre o mundo. Assim, acredito que as artes visuais têm um papel essencial no desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, pois oferecem estímulos que favorecem a cognição, a imaginação e a construção de vínculos emocionais.

O problema que norteia esta pesquisa parte justamente da necessidade de compreender como as artes visuais podem contribuir para o desenvolvimento infantil na primeira infância. Essa faixa etária corresponde a um período de intensas descobertas e construção de sentidos sobre o mundo. Dessa forma, refletir sobre o papel das artes visuais nesse processo é fundamental para enriquecer o olhar pedagógico e pensar propostas educativas mais sensíveis e que possibilitem aprendizagens.

A relevância do trabalho também reside na tentativa de romper com a visão da arte restrita ao campo lúdico ou decorativo, destacando seu potencial educativo, expressivo e formativo desde os primeiros anos de vida. Minha visão sobre o ensino da arte se ancora, portanto, nessa experiência e nesse entendimento: a arte não deve ser pensada como algo secundário ou complementar, mas como um eixo central da educação. Na primeira infância, em especial, ela contribui para o desenvolvimento integral, unindo aspectos cognitivos, motores, afetivos e sociais. É nesse sentido que pretendo desenvolver este trabalho, articulando minha trajetória pessoal com as contribuições teóricas de autores que são referência na área da educação e da psicologia do desenvolvimento.

O objetivo geral da pesquisa é investigar como as artes visuais impactam o desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, com ênfase nos aspectos cognitivos e emocionais. Como objetivos específicos, pretende-se analisar como manifestações artísticas voltadas para essa faixa etária podem favorecer a percepção sensorial; identificar como o contato com as artes contribui para o reconhecimento de formas, cores e para a expressão emocional; e, por fim, apresentar um material pedagógico, na forma de um livro infantil, que explore estímulos visuais e promova experiências

estéticas para essa etapa do desenvolvimento. A partir dessa construção, definiu-se a seguinte pergunta de pesquisa: Como as artes visuais contribuem para o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças de 0 a 2 anos?

Responder a esse questionamento exige compreender a arte como uma experiência formadora, e não apenas como atividade lúdica ou ornamental. Nesse sentido, John Dewey (1985), em *A Arte como Experiência*, afirma que a arte deve ser entendida como parte da vida cotidiana e como forma de mediação entre o sujeito e o mundo. Para o autor, a experiência estética se caracteriza pela integração entre sensações, pensamentos e emoções, de modo que a criança, ao ter contato com estímulos visuais, não apenas percebe cores e formas, mas constrói significados que dialogam com sua vivência. Esse entendimento amplia a ideia de desenvolvimento infantil, pois mostra que o contato precoce com as artes visuais favorece a constituição de experiências sensoriais que são também cognitivas e emocionais.

Marcos Villela Pereira (2005), em *O Limiar da Experiência Estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação*, reforça esse ponto ao destacar que a experiência estética está no centro do processo de subjetivação, ou seja, na maneira como o indivíduo se constitui como sujeito no mundo. Para crianças de 0 a 2 anos, que estão em plena formação de sua identidade e de suas primeiras percepções do ambiente, o estímulo estético assume caráter fundamental. A interação com imagens, texturas, cores e formas possibilita que a criança organize suas percepções e produza sentidos sobre si mesma e sobre o espaço ao redor. Assim, a experiência estética não deve ser vista apenas como fruição, mas como constitutiva da aprendizagem e da construção de subjetividades.

Nesse processo, as contribuições de Lev Vygotsky (1998, 2001) são fundamentais. Para o autor, a arte na educação infantil é uma forma privilegiada de expressão, comunicação e construção do conhecimento. Ao desenhar, manipular cores ou experimentar atividades artísticas, a criança não se limita a reproduzir o que observa, mas reelabora informações a partir da memória, transformando-as em novas criações. Essa atividade criadora, ainda que rudimentar nos primeiros anos de vida, é um reflexo direto do desenvolvimento do pensamento e da linguagem. Vygotsky (2001) argumenta que a vivência estética da criança está sempre mediada pela linguagem e pelo pensamento, permitindo que ela organize sentimentos, elabore significados e se torne ativa no processo de aprendizagem.

Além disso, a arte cumpre função social. Quando a criança representa o mundo por meio da expressão artística, ela não apenas desenvolve aspectos cognitivos, mas também internaliza papéis sociais e constrói formas de interação com o outro. Trata-se de um processo que fortalece a dimensão afetiva e social do desenvolvimento infantil, revelando a importância do estímulo estético desde cedo. Para Vygotsky, a criação artística infantil não deve ser restrita a ambientes formais como museus, mas precisa estar presente no cotidiano, em atividades que despertem a curiosidade e permitam à criança reconhecer-se como sujeito criador.

Com base nessas contribuições teóricas, é possível afirmar que as artes visuais têm um papel essencial no desenvolvimento integral das crianças. O contato com cores, formas e imagens não apenas favorece a percepção sensorial, mas estimula processos cognitivos relacionados à memória, à atenção e ao pensamento simbólico. Do ponto de vista emocional, a arte oferece um espaço de expressão e elaboração de sentimentos, permitindo que a criança organize experiências internas e as comunique de forma não verbal. Do ponto de vista social, abre-se um campo de interação, no qual a criança se reconhece como parte de uma coletividade, exercitando criatividade, imaginação e comunicação.

No decorrer desta pesquisa, comecei a pensar em um material pedagógico voltado a essa faixa etária, como um livro infantil baseado em estímulos visuais, como uma forma de integrar essas perspectivas. Um recurso desse tipo pode atuar como mediador de experiências estéticas significativas, alinhando-se à concepção de Dewey sobre a arte como experiência, à noção de Pereira sobre a estética como processo de subjetivação e às contribuições de Vygotsky sobre a relação entre arte, linguagem e pensamento. A proposta, assim, não se limita a oferecer atividades ilustrativas ou recreativas, mas a promover vivências que contribuem para a formação cognitiva, emocional e social das crianças em seus primeiros anos de vida.

## **2. BASES TEÓRICAS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE**

O conceito de personalidade é um tema complexo, mesmo entre os estudiosos da psicologia. Para compreendê-lo de maneira mais ampla, é importante reconhecer que não existem personalidades idênticas, assim como não existem pessoas idênticas. Ainda que duas pessoas possam apresentar semelhanças, cada uma possui suas próprias manias, características e peculiaridades que tornam sua forma de ser única. A personalidade, portanto, é algo singular, construída ao longo do tempo por meio das experiências vividas, das relações sociais e das influências do meio. A formação da personalidade é um processo contínuo, que começa nos primeiros momentos de vida e se estende por toda a existência. Desde o nascimento, o indivíduo começa a construir sua identidade e a compreender o mundo a partir das interações com o ambiente e com as pessoas que o cercam. As primeiras experiências afetivas, os estímulos sensoriais e as respostas recebidas dos cuidadores formam a base da estrutura emocional e cognitiva da criança. Cada gesto de carinho, cada som, textura ou cor percebida contribui para moldar o modo como ela se relaciona consigo mesma e com o mundo.

Antes de abordar a teoria das fases do desenvolvimento infantil propostas por Sigmund Freud (1948) é fundamental esclarecer um ponto importante. Embora os termos utilizados pelo autor tenham conotação sexual, não se trata de sexualização. Na psicanálise, tais termos referem-se ao direcionamento da energia vital e dos impulsos de prazer presentes desde o nascimento, os quais se manifestam de diferentes formas ao longo do crescimento. Assim, o foco de Freud está em compreender como a criança orienta suas necessidades e desejos vitais em cada etapa de desenvolvimento, e não em qualquer teor erótico.

De acordo com Freud (1948), compreender a formação da personalidade requer, antes de tudo, o entendimento do conceito de libido, definida como a energia psíquica que move os impulsos de vida. Ao longo da trajetória do indivíduo, essa energia passa por diferentes fases de desenvolvimento, manifestando-se de maneiras distintas conforme o corpo e a mente amadurecem. Nos primeiros anos de vida, a libido é essencialmente narcisista, ou seja, voltada para o próprio corpo da criança, que busca satisfação em sensações básicas de prazer e conforto. Com o tempo, essa energia passa a ser direcionada a objetos e pessoas do mundo externo,

transformando-se em libido objetal. Para Freud, quanto mais a libido se volta para o mundo e para as relações, mais maduro e socializado o indivíduo se torna.

A personalidade pode ser compreendida como uma característica dos indivíduos em sua existência temporal, ou seja, dentro dos limites de vida que possuem. Por esse motivo, ela não deve ser considerada um conjunto fixo de definições ou traços imutáveis, mas sim uma combinação dinâmica, resultado das interações constantes entre o sujeito e o ambiente. Cada pessoa manifesta sua personalidade de modo distinto diante dos mais variados estímulos e situações, o que evidencia que o desenvolvimento humano é um processo contínuo e em constante transformação.

No contexto desta pesquisa, que se dedica à primeira infância — especialmente às crianças de 0 a 2 anos —, serão exploradas duas fases do desenvolvimento freudiano: a fase oral e a fase anal. A fase oral, que ocorre aproximadamente durante o primeiro ano de vida, é marcada pela predominância das sensações ligadas à boca. A libido da criança está concentrada no ato de sugar, morder e se alimentar, sendo essas ações suas principais fontes de prazer e segurança. Nesse estágio, o prazer está diretamente relacionado à sobrevivência e à sensação de conforto que o contato com os pais, responsáveis ou cuidadores proporciona. É por meio desse vínculo afetivo que se formam as primeiras bases de confiança e pertencimento.

O ato de mamar, além de nutrir, cria um elo emocional entre o bebê e a figura materna, fortalecendo os laços afetivos e transmitindo a sensação de acolhimento que será fundamental para a construção da autoestima e da segurança emocional. A fase anal, que se estende aproximadamente do segundo ao terceiro ano de vida, está relacionada ao controle dos esfíncteres e à descoberta da capacidade de reter e liberar. Nessa etapa, a criança começa a desenvolver noções de autonomia, obediência e controle, muitas vezes influenciadas pelas cobranças e exigências dos adultos durante o processo de desfralde. A forma como esse período é conduzido exerce grande influência sobre a formação da personalidade: atitudes muito rígidas podem gerar comportamentos excessivamente controladores, enquanto abordagens mais compreensivas tendem a favorecer a segurança emocional e a independência.

Em ambas as fases, observa-se que o desenvolvimento da personalidade está profundamente ligado ao corpo, às experiências sensoriais e às relações afetivas. A arte, ao trabalhar com materiais táteis, cores, formas e texturas, dialoga

diretamente com essas dimensões, tornando-se uma poderosa aliada no processo de formação integral da criança. Por meio das práticas artísticas, a criança pode reviver, expressar e elaborar sentimentos originados dessas primeiras experiências corporais e emocionais, integrando-as de forma criativa e saudável ao seu desenvolvimento psíquico.

O desenvolvimento da personalidade ocorre em sete fases: oral, anal, fálica, latência, adolescência, maturidade e velhice. Em cada fase a pessoa deve aprender a resolver certos problemas específicos originados do próprio crescimento físico e da interação com o meio. A solução dos diferentes problemas que em grande parte depende do tipo de sociedade ou cultura, resulta na passagem de uma fase para a outra e na formação do tipo peculiar de personalidade. No decorrer das fases a pessoa expressa seus impulsos ou suas necessidades básicas dentro de moldes que visam preservar a continuação da cultura (D'Andrea, 1997, p. 26-27).

Essa reflexão evidencia que a personalidade da criança não nasce pronta, mas é formada gradualmente a partir das experiências e do meio em que ela vive — seja no convívio familiar, na escola, nas interações sociais ou, como é de interesse deste estudo, nas vivências com a arte. A personalidade existe em função de um meio no qual procura adaptar-se, a criança constrói quem é por meio do contato com o mundo ao redor. Ela aprende, sente, reage e se expressa conforme as influências e oportunidades que recebe.

A teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky (1998) entende o desenvolvimento humano como um processo profundamente influenciado pela interação entre o indivíduo e o ambiente sociocultural. Diferentemente de perspectivas que consideram o desenvolvimento apenas como resultado de fatores biológicos ou de experiências isoladas, Vygotsky (1998) propõe uma visão dialética, em que o sujeito e o meio se constroem mutuamente. Para o autor, as funções psicológicas superiores, como o pensamento abstrato, a memória voluntária e a linguagem, são formadas a partir das relações sociais e das práticas culturais internalizadas ao longo da vida. Dessa forma, o desenvolvimento humano é visto como um fenômeno histórico, no qual a criança se apropria da experiência coletiva e transforma essas vivências em estruturas mentais próprias, mediadas pela linguagem e pelas interações com o outro.

Nessa perspectiva, o meio social assume papel central, pois é nele que ocorrem as trocas simbólicas e as experiências que impulsionam o crescimento cognitivo e emocional. Por meio da convivência, da brincadeira e do aprendizado mediado por adultos ou pares mais experientes, a criança amplia sua capacidade de

compreender e agir sobre o mundo. Vygotsky evidencia esse processo por meio do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que representa a distância entre o que a criança pode realizar sozinha e o que é capaz de fazer com auxílio. Assim, o desenvolvimento não ocorre antes da aprendizagem, mas é resultado dela, sendo a interação social o principal motor que impulsiona o amadurecimento das funções mentais superiores. Essa visão ressalta a importância da escola, do professor e do ambiente cultural na formação integral da criança, demonstrando que o conhecimento e a personalidade se constroem nas relações humanas e nas experiências compartilhadas.

As artes visuais exercem papel essencial nesse processo, pois permitem que a criança experimente, imagine e expresse suas emoções, ideias e percepções de mundo de maneira livre e criativa. Ao desenhar, pintar, modelar ou observar imagens, a criança explora sua própria identidade, descobre preferências, desenvolve autonomia e aprende a comunicar sentimentos de forma simbólica. Esse processo de criação artística contribui diretamente para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social, que são pilares fundamentais da construção da personalidade.

Além de Freud e Vygotsky, Jean Piaget também oferece uma contribuição essencial para compreender o desenvolvimento da personalidade e da inteligência na primeira infância. Em sua teoria da epistemologia genética, o autor propõe que o conhecimento é construído a partir da interação ativa do sujeito com o meio, sendo o desenvolvimento cognitivo um processo contínuo de assimilação, acomodação e adaptação. A criança, desde o nascimento, é vista como um ser ativo, que busca compreender o mundo por meio da ação.

D'Andrea (1997) descreve o pensamento de Piaget sobre o período sensório-motor, que ocorre do nascimento até aproximadamente os dois anos de idade, como a primeira grande etapa do desenvolvimento humano. Nesse período, o bebê começa a construir sua inteligência por meio das experiências sensoriais e dos movimentos corporais. É manipulando objetos, tocando, observando, experimentando sons e cores que a criança começa a formar as primeiras conexões cognitivas. O corpo é, portanto, o principal instrumento de aprendizagem.

Durante essa fase, a criança passa por um processo de descentralização, ou seja, começa a compreender que o mundo não se resume ao próprio corpo e que existem outros objetos e pessoas ao seu redor. Essa descoberta é fundamental para

o início da percepção de si mesma como parte do ambiente. Quando a criança brinca, toca, imita gestos ou experimenta sons, ela está construindo suas primeiras noções de causa e efeito, espaço, tempo e permanência do objeto. Essas experiências são também momentos de expressão criativa e afetiva, que se conectam diretamente ao universo das artes visuais.

O desenvolvimento sensório-motor, que se estende dos 0 aos 2 anos de vida, segundo D'Andrea (1997), é profundamente influenciado pelo meio físico e social. A presença de estímulos variados, como texturas, cores e objetos manipuláveis, favorece a curiosidade e o aprendizado. Do mesmo modo, o convívio afetivo com os adultos e outras crianças cria um ambiente emocional seguro para que o bebê explore e se arrisque a aprender. Essa interação constante entre o físico, o social e o afetivo cria as bases para o desenvolvimento cognitivo e para a construção da personalidade.

Ao relacionar as ideias de Piaget com Freud e Vygotsky, observa-se que todos apontam para um mesmo princípio: o desenvolvimento da criança é um processo integrado, em que o corpo, a mente e o meio se influenciam mutuamente. Freud destaca o papel das experiências corporais e afetivas; Vygotsky, a importância das relações sociais e culturais; e Piaget, o papel da ação e da descoberta no desenvolvimento da inteligência.

As artes visuais unem esses aspectos ao proporcionar experiências que envolvem o corpo, o afeto, a imaginação e o contato com o mundo. Quando uma criança pequena pinta com as mãos, manipula argila ou experimenta cores e formas, está vivenciando uma sequência de ações que envolvem assimilação, acomodação, prazer e descoberta. Esses momentos são tanto experiências sensório-motoras, no sentido piagetiano, quanto experiências afetivas e simbólicas, no sentido freudiano e vygotskiano. Assim, a arte se torna um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral, um meio de expressão da personalidade em formação.

Dessa forma, compreender as fases iniciais do desenvolvimento humano sob a ótica de Freud, Vygotsky e Piaget permite reconhecer a importância das experiências sensoriais, afetivas e culturais para a construção da personalidade. As artes visuais, ao integrar esses aspectos, oferecem à criança um campo fértil de descobertas, expressão e pertencimento, contribuindo para que ela se desenvolva de forma equilibrada, confiante e criadora. Cada gesto artístico, por mais simples

que pareça, torna-se uma expressão única daquilo que ela é e está se tornando, uma manifestação de sua história pessoal em constante construção.

### 3. ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A arte ocupa papel fundamental no desenvolvimento infantil, especialmente na Educação Infantil, período em que a criança inicia sua descoberta do mundo por meio dos sentidos, da imaginação e da experimentação. A produção artística possibilita que ela se expresse de forma singular, criando novas relações com o ambiente e com as pessoas ao seu redor. Entretanto, a cultura escolar muitas vezes limita essa potencialidade ao valorizar excessivamente a linguagem verbal em detrimento das linguagens expressivas.

Segundo Cunha (2012), a criação artística e o brincar são experiências insubstituíveis para o crescimento humano, pois permitem à criança transformar, ressignificar e reconstruir sentidos a partir de sua vivência. A autora destaca que a criança, ao “bagunçar” o mundo com seus borrões, manchas, pessoas voando e animais convivendo em universos fantasiosos, não está apenas brincando, mas produzindo conhecimento a partir da imaginação. Essa liberdade criadora costuma ser interrompida quando as práticas pedagógicas passam a impor padrões visuais, apresentando estereótipos como a “casinha”, a “árvore com maçãs” e o “sol no canto da folha”. Assim, os desenhos infantis deixam de expressar subjetividades e passam a reproduzir modelos pré-estabelecidos pelos adultos, o que empobrece o desenvolvimento gráfico-plástico (Cunha, 2012). Essa interferência indevida pode gerar bloqueios expressivos e contribuir para que a criança acredite não ser capaz de criar com autonomia.

Ao interromper, na sua infância, o desenvolvimento da linguagem gráfico-plástica, foram fixadas formas padronizadas como a casinha, a árvore com maçãs, as nuvens azuis, o sol, as flores, a figura humana de palito, organizando-se um repertório reduzido de formas que chamamos de estereótipos. Por sua vez, essas formas são repassadas às crianças de várias maneiras [...] Assim, as crianças, desde muito cedo, incorporam os estereótipos e deixam de construir sua própria linguagem, passando a reproduzir e a consumir imagens estereotipadas e impostas pelos adultos.” (Cunha, 2012, p. 16)

Esse cenário evidencia que a escola, ao invés de promover experiências sensíveis, pode contribuir para uma “deseducação dos sentidos”, especialmente quando trata a arte como ferramenta de treino motor, preparando para a escrita, e não como linguagem autônoma e potente no desenvolvimento cognitivo e emocional. Na concepção pragmática, as práticas tornam-se restritas a copiar modelos, pintar dentro de limites e executar atividades repetitivas, desconsiderando a criatividade como processo de aprendizagem.

Por outro lado, ainda existe nas instituições a visão espontaneísta, que considera que a criança já possui naturalmente a habilidade criadora e, portanto, não necessita de mediação docente. Assim, o professor apenas oferece materiais e observa a produção infantil sem intervir de forma significativa. Susana Rangel (2012) argumenta que ambas as concepções, espontaneísta e pragmática, são insuficientes, pois desconsideram a necessidade da mediação pedagógica como elemento estruturante do processo expressivo.

Nesse sentido, o papel do/a professor/a deve ser o de promover experiências desafiadoras que ampliem repertórios, estimulem descobertas e desconstruam padrões cristalizados. Para isso, é necessário que o/a professor/a reconheça também seus limites expressivos e se permita experimentar materiais, quebrando os próprios estereótipos que carrega desde a infância. O espaço escolar também deve ser compreendido como linguagem. Muitas salas de Educação Infantil são preenchidas por imagens midiáticas padronizadas, que ocupam o imaginário das crianças e reduzem suas possibilidades criadoras. A ambientação deve valorizar as produções infantis, tornando visíveis suas conquistas, ideias e processos de construção artística. Um ambiente que apresenta imagens prontas reforça o consumo visual e não a autoria.

Vivemos em uma sociedade que bombardeia crianças com estímulos visuais, e ensiná-las a observar criticamente é fundamental para a formação plena. A educação estética permite que elas compreendam a diversidade cultural, reconheçam subjetividades e construam sentidos sobre o que veem. Ensinar a ver é também ensinar a sentir e pensar sobre o cotidiano. A autora reforça que o conhecimento só acontece por meio da interação entre criança e meio, e que é por meio de trocas significativas com colegas, professores, materiais expressivos e referências culturais que o aprendizado em arte se constrói:

O conhecimento visual não vai se dar de uma forma espontaneísta ou na forma de adestramento manual, mas, sim, com intervenções pedagógicas que desvelem e ampliem os saberes individuais e coletivos, relacionando-os aos elementos da cultura da qual emergem com aqueles historicamente acumulados. [...] Uma educação do ver e do observar significa desvelar as nuances e características do próprio cotidiano e ir além, propondo rupturas com o instituído. (Cunha, 2012, p. 27)

A abordagem defendida pela autora vai ao encontro de uma educação artística que considera a criança como sujeito criador, produtora de cultura e não mera reprodutora de imagens e modelos. Quando a escola reconhece a arte como

linguagem de expressão, conhecimento e crítica, as crianças têm a oportunidade de desenvolver autonomia, sensibilidade e imaginação, elementos essenciais na formação humana integral.

O ensino da arte na Educação Infantil deve ser pensado intencionalmente, com práticas que estimulem a experimentação, a reflexão e a investigação material e simbólica. A mediação docente torna-se essencial para promover experiências significativas, garantindo que o processo expressivo infantil seja valorizado e respeitado em sua singularidade. Assim, as crianças podem crescer reconhecendo sua própria potência criadora e sentindo-se autorizadas a transformar o mundo com suas imagens, gestos e sonhos.

A arte, no contexto da Educação Infantil, constitui uma dimensão essencial para o desenvolvimento sensível, cognitivo e social da criança. Ao investigar o ensino de arte no Brasil, é impossível ignorar a contribuição de Noemia Varela, que dedicou sua vida à reflexão sobre a educação criadora e à defesa de práticas que reconheçam o potencial expressivo e inventivo do ser humano desde a primeira infância. Varela (apud Frange, 2006) compreendia que a arte não pode ser reduzida a uma disciplina meramente técnica ou recreativa, mas deve ser vista como linguagem fundante da criança e espaço de construção do pensamento. Ela questionava modelos educacionais engessados, convidando educadores/as a assumirem uma postura investigativa, aberta ao novo e à criatividade. Assim, seus estudos revelam a necessidade de uma prática pedagógica em arte que respeite as singularidades do desenvolvimento humano.

Em seus estudos, Frange (2006), referenciando Noemia Varela, afirma que a criança é um ser criador desde o início da vida, e que sua relação com a arte favorece a descoberta de si e do mundo:

O ser humano, no contexto das forças psicológicas, sociais e histórico-culturais que influenciam seu desenvolvimento, deve encontrar o sentido da vida e da morte, ampliando sua visão universal. Ter a linguagem para comunicação na plenitude de seu desenvolvimento, revelando-se como um ser sensível, perceptivo, intuitivo e pensante na própria dimensão de sua capacidade de criar. [...] A experiência criadora revela-se vital ao processo de desenvolvimento do homem para que possa satisfazer sua necessidade de expressão estética e simbólica (Frange, 2006, p. 214).

Essa concepção de experiência criadora evidencia a importância de oferecer, desde muito cedo, materiais e situações que possibilitem o contato da criança com diversas linguagens artísticas. Isso se articula às minhas vivências enquanto

estagiária: bebês e crianças pequenas constroem conhecimento por meio dos sentidos, experimentando texturas, formas, cores e movimentos. Nesse sentido, a arte é não apenas expressão, mas uma forma de pensar e se desenvolver cognitivamente.

Ao defender a educação criadora, Frange (2006) destaca o papel do/a educador/a como mediador/a e mestre criativo, capaz de reconhecer o processo artístico como essencial à formação humana: “A formação do educador criativo é um longo processo que extrapola a escola tradicional [...] Somente dessa forma poderá ser o ‘modelo’ capaz de levar o outro à descoberta de si mesmo e do segredo da eficiência na formação do Homem” (Frange, 2006, p. 218). Essa ideia reforça a responsabilidade a todos os/as futuros/as professores/as de Artes Visuais: criar experiências estéticas que promovam o desenvolvimento pleno das crianças, assegurando que tenham autonomia para explorar, descobrir e construir significados.

Nesse sentido, vale citar a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, pois propõe que o ensino da arte aconteça de maneira integrada, articulando três dimensões essenciais: leitura, contextualização e produção artística. Tal concepção rompe com práticas pedagógicas tradicionais que valorizam apenas o fazer manual, reconhecendo que a criança constrói conhecimento também ao observar, interpretar e relacionar a arte com seu cotidiano. Ao considerar o bebê como um sujeito que pensa, sente e se comunica visualmente desde os primeiros anos de vida, a abordagem triangular possibilita práticas pedagógicas mais significativas, em que a mediação docente favorece a autonomia criadora e o contato com diferentes referências estéticas. Assim, o ensino de arte torna-se uma experiência de descoberta e construção de sentidos, apoiada em interações que estimulam o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, contribuindo para um processo educativo mais completo e humanizado.

Essa abordagem amplia a concepção de arte na Educação Infantil, demonstrando que o processo artístico não se limita à produção de objetos, mas envolve movimento, corporeidade, leitura crítica e engajamento social, conectando teoria, prática e contextualização cultural. A abordagem reforça a ideia de que a mediação do docente não deve ser passiva, mas participativa e ética, considerando a criança o/a professor/a como instrumentos essenciais de aprendizagem. Incorporar tais princípios à minha pesquisa e prática pedagógica significa promover

um ensino de arte que coloque o bebê como protagonista de sua aprendizagem, reconhecendo-o como criador desde o início da vida, e estabelecendo experiências que conectem produção, leitura e contextualização de forma integrada, crítica e sensível.

#### 4. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, CRIATIVIDADE E DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

John Dewey, em seu livro *Arte como Experiência* (1985), apresenta uma compreensão sobre arte que extrapola a ideia de um objeto artístico ou um produto final como resultado de arte. Para o filósofo e educador, arte é a experiência dinâmica entre o indivíduo e o ambiente; fazer arte é uma forma de viver e sentir o mundo. Dessa forma, a experiência estética se ressalta como essencial para a constituição do ser humano, pois envolve emoção, percepção, ação, imaginação e pensamento. Essa visão de experiência estética torna-se especialmente relevante quando aplicada aos processos de desenvolvimento da idade que este estudo busca ressaltar, pois é um período no qual a criança está estruturando a maior parte de suas capacidades cognitivas, sensoriais, motoras e afetivas.

Dewey enfatiza que toda experiência que realmente transforma o sujeito ocorre a partir de uma relação contínua com o meio. Nesse contexto, a arte se apresenta como uma potente forma de experiência, pois mobiliza o corpo, os sentidos e a mente de maneira integrada. Conforme o autor afirma:

Experiência é o resultado de interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo no qual ela vive. Um homem faz algo; levanta uma pedra, por exemplo. Em consequência padece, sofre alguma coisa: o peso, a resistência, a textura da superfície da coisa levantada. As propriedades assim sofridas determinam o agir subsequente. (Dewey, 1985, p.6-7).

Assim, o desenvolvimento humano não é passivo, mas acontece a partir das ações e das descobertas que o indivíduo realiza ao manipular objetos, sentir texturas, observar cores e sons, imaginando novas possibilidades para aquilo que o rodeia.

Trazendo para o contexto deste estudo, que é sobre a primeira infância, a experiência estética se destaca como fundamental, porque o aprendizado das crianças está no fazer, no experimentar, ao criar proposições e ao serem surpreendidas pelas respostas que o ambiente lhes oferece. Suas vivências nessa idade se caracterizam muito por serem instintivas; por esse motivo, as crianças demonstram uma curiosidade espontânea: apertam, amassam, batem, observam, repetem e exploram materiais com todo o corpo. Essas vivências sensoriais que as crianças experimentam são chamadas por John Dewey de “experiências completas”, ou seja, são experiências que prendem a atenção e o interesse da criança, criando continuidade e significado para o aprendizado.

Nesse processo, a criatividade não se caracteriza como um dom inato e isolado, mas sim como uma capacidade que vai se construindo no contato com o mundo. Quando oferecemos às crianças materiais visuais e táteis, como cores vivas, tintas, argila, papéis, tecidos, luz e sombras, o/a educador/a amplia as possibilidades de invenção das crianças e as incentiva a pensar de forma original. A arte é uma forma de conhecimento e a criança, desde o início da vida, cria significados a partir das experiências estéticas vividas. Não se trata apenas de desenvolver habilidades motoras ou visuais, mas de ampliar as formas de interpretação, de transformar a realidade, colocando a criança como sujeito ativo do seu próprio processo criador. Conforme Paulo Freire afirma: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 24).

Nessa perspectiva, Paulo Freire (1996) nos lembra que a educação deve favorecer a autonomia e a construção do pensamento crítico, pois é por meio do diálogo, da curiosidade e da liberdade de expressão que o sujeito se reconhece capaz de questionar e reinventar o mundo ao seu redor. Assim, ao proporcionar vivências artísticas diversificadas, o/a professor/a não apenas ensina técnicas, mas cria condições para que a criança exerça sua autoria e sua capacidade de se posicionar diante da realidade.

As ideias de Paulo Freire (1996) reforçam que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para que a criança o produza e o transforme. A educação libertadora defendida pelo autor se opõe ao modelo bancário, que apenas deposita conteúdos prontos e reduz os/as estudantes à passividade. Freire entende que a autonomia nasce do exercício constante da consciência crítica, estimulada por práticas pedagógicas baseadas no diálogo e no respeito ao saber do outro. Para ele, aprender e ensinar são movimentos que se complementam: o/a professor/a aprende ao ensinar, e quem aprende também ensina. Dessa forma, a arte na educação se torna um campo potente para o desenvolvimento da curiosidade, da criticidade e da expressão criadora, permitindo que a criança participe ativamente da construção do seu conhecimento e da transformação social, lutando contra qualquer forma de imposição.

Ao relacionar as ideias de Dewey com outros estudiosos do desenvolvimento infantil, como Piaget e Vygotsky, observa-se um ponto de convergência: a aprendizagem ocorre na ação e na relação social. Como abordado anteriormente, Piaget destaca que, nos dois primeiros anos, as crianças vivem o estágio

sensorio-motor, no qual o pensamento nasce da exploração corporal e da experimentação contínua. Já Vygotsky aponta que o desenvolvimento cognitivo se fortalece nas interações com o outro e com a cultura. Assim, quando o/a educador/a propõe atividades artísticas e estéticas, ele não está apenas estimulando o prazer ou o entretenimento, mas criando condições para que a criança se aproprie do mundo cultural em que está inserida.

Além disso, as experiências estéticas favorecem a expressão emocional, possibilitando à criança comunicar sensações ainda antes da linguagem oral se consolidar. Um bebê que brinca com tinta pode expressar alegria, frustração, surpresa ou calma através de gestos, movimentos e olhares. A arte possibilita que o pensamento se manifeste de forma visual e corporal. Dessa forma, promove também a construção da autoestima, da autonomia e da comunicação.

As propostas artísticas nos centros de educação infantil, portanto, precisam considerar a importância do processo sobre o resultado, permitindo que a criança explore livremente, sem a exigência de imitar modelos prontos. Dewey (1976) defende que a educação deve proporcionar experiências que conectem emoção e entendimento, ação e reflexão. Quando a criança experimenta com prazer e significado, sua atenção se aprofunda e sua aprendizagem se fortalece. São justamente essas condições que contribuem para o desenvolvimento da criatividade como uma competência cognitiva essencial para toda a vida.

Diante disso, torna-se evidente que a experiência estética não é um luxo ou um complemento nas práticas pedagógicas com crianças pequenas. Pelo contrário, ela deve ser compreendida como parte indispensável do desenvolvimento pleno, integrando percepção, imaginação e construção do conhecimento. Investir em ambientes que possibilitem vivências sensoriais, visuais e artísticas significa reconhecer que o desenvolvimento cognitivo acontece também nos gestos simples: na descoberta da textura da argila, no brilho das cores, na transformação da tinta em traço, na surpresa que surge de uma mistura inesperada. Cada uma dessas situações é uma experiência transformadora que amplia a compreensão da criança sobre si e sobre o mundo.

Por tudo isso, é possível afirmar que a arte e a experiência estética constituem caminhos fundamentais para o desenvolvimento infantil entre 0 e 2 anos, pois fortalecem tanto os aspectos cognitivos quanto os afetivos e sociais. A criatividade, nutrida desde cedo pelas vivências artísticas, contribui para a

autonomia, a imaginação e a capacidade de solucionar problemas, competências que permanecerão ao longo de toda a trajetória escolar e pessoal da criança. Assim, as ideias de Dewey oferecem uma base teórica sólida para defender que práticas artísticas na educação infantil devem ser valorizadas e ampliadas como ferramentas essenciais de aprendizagem e desenvolvimento integral.

No texto “O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação” (2012), o autor Marcos Villela Pereira, apresenta a experiência estética como elemento central na formação do sujeito. Para este autor, a estética não se limita ao campo da arte institucionalizada, mas se constitui como experiência de sensibilidade que permite ao indivíduo perceber e reorganizar o mundo de forma singular. Esse entendimento aproxima diretamente o campo artístico da educação infantil, especialmente dos processos que envolvem o desenvolvimento global da criança entre 0 e 2 anos.

Durante os dois primeiros anos de vida, as crianças estruturam suas bases cognitivas, afetivas e sensório-motoras a partir da exploração do ambiente com o corpo todo. Pereira (2012) reforça que a experiência estética promove deslocamentos perceptivos, gerando aberturas para novas formas de significar o mundo. Assim, quando a arte está presente desde a primeira infância, ela não atua como mera atividade lúdica ou decorativa, mas como um processo de subjetivação, em que a criança cria sentidos próprios sobre aquilo que vive. O autor demonstra que a experiência estética é o que desestabiliza certezas, expandindo a construção de significados. Isso é fundamental para o desenvolvimento infantil, porque, segundo ele, a arte não informa algo que já está determinado: ela inventa possibilidades.

A criança pequena, ao se deparar com materiais plásticos e visuais, descobre que pode transformar o que está ao seu redor — a tinta pode escorrer, o papel pode rasgar, a argila pode se modelar — e essa descoberta inaugura um modo criativo de estar no mundo. Em consonância com Pereira, as artes visuais dão forma à curiosidade infantil e ampliam a capacidade de solucionar problemas, fortalecendo o desenvolvimento cognitivo.

A experiência estética também se mostra indispensável para a construção da subjetividade. Pereira (2012) defende que só há experiência estética quando ocorre uma relação que envolve afeto e pensamento simultaneamente. Com isso, compreende-se que o ato de pintar, desenhar ou manipular materiais sensoriais não é apenas motor: ele envolve emoções, memórias, desejos e interpretações. Assim, a

criança aprende sobre si enquanto age: aprende o que gosta, o que a surpreende, o que deseja repetir. A identidade, nesse sentido, é produzida no encontro com o mundo material e simbólico mediado pela arte.

O texto indica que a educação estética é também uma educação da percepção. Para Pereira, perceber de modo sensível é escutar o mundo com mais profundidade, acolhendo suas contradições e seus excessos. Quando transportamos essa reflexão para a educação infantil, percebemos o tamanho da responsabilidade docente: oferecer experiências artísticas que não reduzam a criança a padrões de certo e errado, mas que respeitem sua potência inventiva. Ao reconhecer a criança pequena como sujeito estético, a educação abre espaço para que ela participe ativamente da construção de sua própria história de desenvolvimento. De acordo com Pereira:

A experiência estética é efeito do entrelaçamento, do arranjo que o sujeito faz com o objeto ou com o acontecimento de maneira rigorosa, ou seja, levadas em consideração as possibilidades de compreensão que a experiência torna viáveis. E esse rigor responde à competência de perscrutar meticulosa e minuciosamente os pormenores do objeto, alcançando a sutileza da perspicácia que a discriminação e o discernimento conferem ao sujeito experimentado que, como já explorei acima, se constitui. O sujeito experimentado é não dogmático e, por isso, consegue suspender seus preconceitos, clichês e estereótipos justamente porque a experiência o confronta sempre com sua finitude, com a evidência do limite de sua interpretação. O que ele pensa sobre o que sente é sempre apenas uma das inúmeras possibilidades de pensar ou de sentir (Pereira, 2012, p. 191).

O pensamento de Pereira evidencia o quanto a experiência estética é capaz de formar sujeitos críticos, sensíveis e criativos, qualidades que começam a ser construídas desde os primeiros anos de vida, quando a criança experimenta intensamente o mundo.

As artes visuais são fundamentais para o desenvolvimento infantil de 0 a 2 anos porque estimulam percepção, criatividade e curiosidade; fortalecem vínculos afetivos e comunicação não verbal; promovem autonomia e expressão da subjetividade; e ampliam a compreensão do mundo e de si. A experiência estética é, então, uma experiência de desenvolvimento. Ela não apenas aprimora habilidades, mas transforma o sujeito em sua totalidade, cognitiva, emocional e social. Dessa forma, reafirma-se que incluir práticas artísticas na educação infantil é promover condições mais humanas, sensíveis e significativas para o desenvolvimento integral da criança.

## 5. RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Durante a graduação, vivi diversas situações que contribuíram de forma significativa para minha formação na área da Educação Infantil. Dentre elas, destaco as disciplinas de Estágio Supervisionado I (2023) e Estágio Supervisionado IV (2025), nas quais pude acompanhar o desenvolvimento das crianças de perto, observar suas interações e compreender como cada aprendizagem acontece de maneira única. Essas vivências me permitiram aprofundar o olhar sensível sobre o cuidado, o brincar e as relações que constituem a primeira infância.

Ao relatar essas experiências neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), reforço a importância da articulação entre teoria e prática na formação docente. Esse entendimento dialoga com o pensamento de John Dewey (1976), que defende que a experiência é fundamental para o aprendizado, pois ela transforma o conhecimento em algo vivo, ativo e significativo. Assim, incluir essas vivências no trabalho não é apenas um registro, mas um reconhecimento de que foi a partir delas que se consolidou meu pertencimento ao contexto da educação infantil e se tornou possível relacionar, de maneira concreta, tudo aquilo que foi estudado ao longo da graduação.

Por meio da observação cotidiana, da interação com as crianças e da elaboração de uma proposta de plano de aula educativo fundamentado nas teorias de Piaget e Vygotsky, foi possível compreender de forma concreta como o desenvolvimento ocorre na primeira infância e como as práticas pedagógicas influenciam esse processo. Além disso, o relato contribui para evidenciar o papel da educação infantil como espaço de formação integral do sujeito, reforçando a importância de metodologias lúdicas, interações sociais e estímulos sensoriais no desenvolvimento cognitivo de crianças de 0 a 2 anos, temática central deste TCC. Ao registrar reflexões críticas, desafios vivenciados e aprendizagens construídas, o relato não apenas valida a fundamentação teórica apresentada no trabalho, como também analisa a realidade escolar sob uma perspectiva científica e ética.

O espaço escolhido para a realização do Estágio I em 2023, foi o Departamento de Educação Infantil (DEI), pertencente ao Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE-UFG). A carga horária de observação de campo na creche foi de 3 horas e 40 minutos semanais, realizadas às sextas-feiras, no período matutino, das 08h00 às 11h40min. As salas são organizadas por faixa etária: crianças de 1 a 2 anos, de 2 a 3 anos, e

assim sucessivamente. Cada turma recebe o nome de um animal do Cerrado; o agrupamento na qual realizei o estágio foi denominado Turma Arara, composta por crianças de 1 a 2 anos. Para a maioria dessas crianças, este é o primeiro contato com um ambiente socioeducacional. Como são muito pequenas, as demandas variam constantemente, o que exige da equipe pedagógica flexibilidade e sensibilidade em suas práticas para atender de forma adequada às necessidades dos cinco estudantes presentes.

O Departamento de Educação Infantil tem como base filosófica a Teoria Histórico-Cultural e apresenta um ambiente altamente estimulante: há uma grande diversidade de cores, espaços abertos com gramado e árvores frutíferas, brinquedos variados e materiais diversos para atividades artísticas e pedagógicas. Esses elementos favorecem o desenvolvimento pleno das crianças, em contraste com instituições que se assemelham a ambientes hospitalares — crítica apresentada por Mello (2015) em *Contribuições da Teoria Histórico-Cultural para a Educação da Pequena Infância*, publicada nos *Cadernos de Educação*. Tal crítica perpassa aspectos estéticos e envolve também preocupações relativas à acessibilidade pedagógica.

Considerando a faixa etária do agrupamento Arara e com a supervisão da professora Ana Rogéria Aguiar, elaborei uma proposta voltada ao trabalho com os sentidos, visto que, segundo Piaget (1999), as crianças entre 0 e 2 anos encontram-se no período sensório-motor, em que a exploração sensorial é o principal meio de interação com o mundo. Já Vygotsky (1984) destaca que o desenvolvimento cognitivo é resultado da relação entre o sujeito e o meio sociocultural. Assim, experiências com materiais sensoriais favorecem não apenas o desenvolvimento motor, mas também o cognitivo e o social. A educação infantil é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças e deve respeitar seus ritmos e modos próprios de aprender, garantindo uma zona de aprendizagem segura, desafiadora e prazerosa.

A proposta “Explorando Texturas” foi realizada em 11 de agosto de 2023, com duração de 20 a 40 minutos (Figura 1). O objetivo principal foi promover a exploração de diferentes materiais e texturas, como carvão, massinha de farinha e papel-crepom umedecido, estimulando o desenvolvimento perceptivo e artístico. Embora as crianças ainda não compreendam conceitualmente o que é arte,

vivenciam experiências fundamentais para a construção futura de sentidos e expressões.

Figura 1 - A proposta “Explorando Texturas”



Fonte: Acervo pessoal.

O resultado visual da proposta (Figura 2) consistiu na produção de marcas e cores sobre um grande suporte de papel; contudo, devido ao excesso de água, o papel se desfez durante a atividade. Assim, o registro fotográfico tornou-se o documento final da produção.

Figura 2 - Resultado visual da proposta “Explorando Texturas”



Fonte: Acervo pessoal.

O período de estágio no DEI possibilitou observar como o desenvolvimento infantil acontece de forma rápida e marcante. Em poucas semanas, foi possível acompanhar avanços motores, cognitivos e comunicacionais, como no caso de uma criança que pronunciou suas primeiras palavras durante a celebração da festa junina, demonstrando o papel das interações sociais no desenvolvimento.

Existem duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dessas duas linhas (Vygotsky, 1984, p. 52).

Na citação, Vygotsky evidencia que o desenvolvimento humano não é resultado apenas de fatores biológicos, mas também das relações sociais e culturais que cada indivíduo vivencia. Ele diferencia os processos elementares, ligados ao funcionamento natural do corpo, das funções psicológicas superiores, como pensamento, linguagem e memória, que se desenvolvem por meio da interação com o meio social. Assim, o crescimento da criança ocorre a partir do entrelaçamento entre aquilo que nasce com ela e aquilo que ela aprende convivendo com outras pessoas, reforçando que a aprendizagem e o desenvolvimento são construídos socialmente. Essa perspectiva reforça a importância de vivências coletivas e mediadas no processo educativo. A mediação ajuda a orientar o pensamento, dando suporte para que todos avancem em seu próprio ritmo.

A proposta de aula integrou o plano “Meu Quintal é Maior que o Mundo”, que tinha como metodologia a junção de dois agrupamentos, o das crianças mais novas e o das mais velhas. Organizado pelas professoras Dr<sup>a</sup> Ana Rogéria de Aguiar (Turma Arara) e Dr<sup>a</sup> Milna Martins Arantes (Turma Dinossauro), ele enfatiza criatividade, imaginação, linguagem e interação entre diferentes idades, ampliando repertórios culturais.

Essas experiências vivenciadas no campo de estágio fortaleceram em mim o sentimento de pertencimento à Educação Infantil. Ao estar inserida nesse ambiente, pude perceber como meu fazer pedagógico contribui diretamente para o desenvolvimento das crianças, o que reforçou minha identificação com essa etapa da educação. Além disso, compreender o papel da cultura na construção da identidade e reconhecer a arte como uma linguagem essencial da expressão humana me fez sentir parte desse processo formativo, confirmando meu desejo de atuar e pesquisar nessa área.

Para finalizar a sessão de relatos de experiências em campo, gostaria de compartilhar uma vivência recente de regência, realizada na disciplina de Estágio IV, no Coletivo Educare – Escola Associativa, especificamente com a turma de crianças de 2 a 3 anos, que é a sala onde estou estagiando em 2025. A instituição é composta por mães, pais e educadores/as que construíram uma experiência coletiva de educação transformadora, com gestão participativa, em Goiânia. Atualmente,

oferece educação infantil (creche, berçário e pré-escola), anos iniciais do ensino fundamental e contraturno escolar. O espaço, localizado próximo ao Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás (UFG) e inserido em uma área de natureza preservada, valoriza o convívio, o tempo livre, as linguagens artísticas, a motricidade, o contato com a natureza, a alimentação consciente, a construção de vínculos afetivos e o acolhimento.

Para a realização da regência de uma aula no Coletivo Educare – Escola Associativa, foi necessário planejar uma proposta que se adequasse ao contexto da instituição e à faixa etária das crianças, que têm entre 2 e 3 anos. Considerando os princípios pedagógicos do coletivo, que valorizam a exploração do meio natural, a linguagem artística, a motricidade, o convívio social e a construção de vínculos afetivos, elaborei uma atividade que pudesse integrar esses elementos de forma significativa para os alunos.

A proposta intitulada “A Mãe do Cerrado” foi planejada e desenvolvida com o objetivo de aproximar as crianças da educação infantil do conhecimento sobre a natureza e da cultura do Cerrado, bioma no qual estão inseridas. Utilizei a contação de histórias (Figura 3) com o apoio de recursos visuais e lúdicos, buscando ampliar o repertório cultural e simbólico das crianças, despertando nelas o sentimento de pertencimento e a compreensão da importância da preservação ambiental.

Figura 3 - Contando a história



Fonte: acervo pessoal

Para iniciar a atividade, realizei a contação da história da Mãe do Cerrado, também conhecida como Mãe da Mata ou Caipora, história que eu já conhecia por saber que a Caipora recebe diferentes nomes, entre eles “mãe dos biomas”, podendo variar conforme cada ambiente. Assim, tomei a liberdade poética de apresentá-la às crianças especificamente como a Mãe do Cerrado. Levei desenhos coloridos colados em palitos, usando gestos e movimentos para tornar a narrativa mais envolvente. O desenho que mais chamou a atenção das crianças foi o da própria personagem, descrita como alguém com cabelos formados por folhas, galhos e flores, e com um vestido que simboliza as cores do bioma: verde das matas, amarelo do sol e marrom da terra.

Depois da história, levei o grupo para a área verde da escola e pedi que procurassem folhas caídas que achassem bonitas e as colocassem em um pote que eu carregava (Figura 4).

Figura 04 - Pegando folhas



Fonte: acervo pessoal

Em seguida, entreguei um desenho contendo apenas a silhueta da personagem e ensinei a turma a aplicar tinta guache nas folhas para usá-las como carimbo sobre o papel. As crianças trabalharam com as “cores do Cerrado”, trazendo vida à imagem com texturas e cores características do ambiente em que vivem (Figura 5). Percebi que elas permaneceram atentas e encantadas durante toda a proposta, o que me fez sentir que o objetivo da atividade foi alcançado.

Figura 5 - Realização da prática



Fonte: Acervo Pessoal

A exploração de elementos naturais presentes na escola possibilitou uma vivência sensorial significativa. O contato direto com diferentes formas, texturas, tamanhos, pesos e odores contribuiu para o desenvolvimento perceptivo, cognitivo e motor das crianças. Essa etapa também estimulou a autonomia e a curiosidade do grupo, permitindo que seus olhares investigativos fossem valorizados no processo de aprendizagem.

Na etapa de produção artística, ao utilizarem as folhas como carimbos, as crianças puderam perceber como elementos da natureza podem ser transformados em expressão visual. As cores do Cerrado foram exploradas espontaneamente, e essa prática favoreceu o desenvolvimento da coordenação motora fina, da percepção espacial, da imaginação e do planejamento das ações. A experiência reforçou o entendimento de que a arte é um importante meio de comunicação, expressão e criatividade.

Além disso, ao trabalhar com a cultura e os símbolos do Cerrado, a proposta colaborou para a construção do sentimento de identidade e pertencimento das crianças ao território que habitam. Relacionar arte e natureza reforçou atitudes de cuidado, respeito e valorização do meio ambiente desde os primeiros anos escolares, contribuindo para uma educação voltada à sustentabilidade.

Durante a realização da atividade, observei também importantes interações sociais. As crianças dialogaram, compartilharam descobertas, observaram diferentes formas de criação e respeitaram os diversos ritmos e estilos dos colegas. Essas vivências fortaleceram habilidades de comunicação, empatia e convivência, que são essenciais para o desenvolvimento integral, como aponta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Sendo assim, acredito que a proposta “A Mãe do Cerrado” se mostrou extremamente significativa ao integrar cultura, imaginação, natureza e arte, gerando uma aprendizagem prazerosa e sensível. Essa experiência contribuiu para o desenvolvimento da criatividade, da concentração, da socialização, da percepção sensorial e da consciência ambiental, reafirmando o potencial das práticas artísticas na educação infantil. Vivenciar essa regência me permitiu compreender, na prática, como propostas que dialogam com o território das crianças podem despertar a curiosidade, o prazer pelo aprender e o cuidado com o mundo ao seu redor.

## **6. PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE LIVRO INFANTIL COMO MATERIAL PEDAGÓGICO**

Como culminância desta pesquisa, apresento uma proposta para a criação de um livro infantil autoral como material pedagógico voltado às crianças de 0 a 2 anos, faixa etária foco do estudo. A partir das discussões teóricas desenvolvidas ao longo deste trabalho, entendo que a elaboração de um recurso educativo visualmente atrativo e integrado a elementos culturais do contexto brasileiro contribui para aprendizagens significativas, como defendem Piaget, Vygotsky e Herbert Read, ao destacarem a relevância de experiências sensoriais e estéticas no desenvolvimento cognitivo infantil. Além disso, considero essencial que este produto final revele minha trajetória no curso de Artes Visuais, articulando teoria e prática em uma criação que demonstra o conhecimento artístico e pedagógico que venho construindo ao longo da formação. O livro infantil representa não apenas um material didático, mas um resultado visual e poético de minha pesquisa, da minha identidade e do meu fazer artístico, mostrando que a arte pode ser experiência, mediação e afeto para as crianças desde os primeiros anos de vida. Dessa forma, este trabalho se concretiza como expressão do compromisso com uma educação sensível, inclusiva e consciente de nossa cultura, valorizando o poder transformador da arte no desenvolvimento humano.

Os desenhos foram feitos à mão em papel canson A5, 180 de gramatura, utilizando giz pastel oleoso e lápis 6B, materiais escolhidos com o intuito de trazer textura e riqueza de detalhes, transmitindo visualmente sensações táteis às crianças. Busquei construir uma estética autoral, mantendo características do meu estilo artístico sem perder o cuidado com elementos essenciais à aprendizagem infantil.

O livro, intitulado “Quem é esse animal?”, apresentará cinco animais representativos da fauna do Cerrado: lobo-guará, onça-pintada, arara-azul, jibóia e capivara. Cada animal será introduzido por meio de um enigma rimado e acompanhado de uma silhueta misteriosa, possibilitando que a criança antecipe e tente identificar o animal antes de virar a página. Logo em seguida, aparecerá a imagem completa e o nome do animal, favorecendo o reconhecimento visual e a ampliação do vocabulário. Esse formato possibilita que o momento de contar histórias seja interativo e lúdico, incentivando a curiosidade, a expectativa e a

participação ativa durante a mediação pedagógica — aspectos fundamentais na Educação Infantil (BRASIL, 2006).

Ao escolher animais do Cerrado como elementos culturais para o livro infantil, busco aproximar as crianças da realidade onde vivem, valorizando a riqueza ambiental e cultural do bioma em que estão inseridas. Apresentar esses animais como protagonistas é uma forma de despertar vínculos afetivos e de responsabilidade com o mundo natural, compreendendo que fazemos parte dele e o transformamos diariamente. Em diálogo com Paulo Freire (1983), que afirma que ao entender seu entorno, os indivíduos se tornam sujeitos conscientes de suas histórias e do contexto em que vivem, o que é essencial para a participação ativa e a busca por soluções para os problemas sociais e ambientais. Utilizar animais do Cerrado no contexto educativo é contribuir para a construção de sujeitos que reconhecem seu lugar, sua identidade e o compromisso ético com a preservação da vida.

As cores adotadas para representar cada animal foram escolhidas a partir das cores simbólicas do Cerrado utilizadas previamente em regência de aula: o azul das águas, o amarelo do sol, o verde das matas, o marrom da terra e o vermelho das flores. Tal escolha parte do entendimento de que as cores constituem elementos essenciais na aprendizagem na primeira infância, pois organizam percepções, estimulam a atenção e auxiliam na memorização (Guimarães, 2004). Ao associar cada animal a uma cor específica, estabeleço vínculos visuais que contribuem para que o conhecimento se fixe de maneira prazerosa e significativa.

A cor pode ser usada para estimular pensamentos e emoções, bem como para provocar diversas sensações no momento em que o leitor apreende e interpreta cada imagem. Dessa forma, o contato da criança com diversos tipos de ilustrações propicia, por exemplo, o seu refinamento interpretativo, estimulando o imaginário e a participação ativa na descoberta dos significados do texto global (Freitas e Silva 2021, p. 25).

Ao explorar a cor como linguagem expressiva e pedagógica, este material atende às necessidades emocionais e psicossociais dessa faixa etária. Lacy (1996) aponta que as cores influenciam diretamente o comportamento, provocando sensações de alegria, tranquilidade, segurança ou movimento. Ferreira (2008) destaca que o uso das cores no contexto escolar tem grande impacto no

desenvolvimento infantil, pois estimula habilidades diversas, como a percepção sensorial, o raciocínio e o aprimoramento das capacidades cognitivas e motoras.

Lacy (1996) aponta que atividades mediadas por objetos coloridos, jogos e brincadeiras tornam o aprendizado mais dinâmico e significativo, já que despertam a atenção e o desejo de exploração por parte das crianças. Na Educação Infantil, o brincar é o principal meio de aprendizagem. Assim, brinquedos, coleções de lápis de cor, materiais gráficos, objetos da sala e até os elementos naturais podem se transformar em ferramentas pedagógicas para sustentar as descobertas sobre as cores. Ferreira (2008) reforça que pedir às crianças que reconheçam e nomeiem cores, ou que expressem o que aprenderam por meio de falas, movimentos, desenhos e gestos, fortalece a imaginação, a autoconfiança e a criatividade. Portanto, a paleta adotada busca criar uma experiência estética acolhedora, que desperte curiosidade e envolvimento afetivo, fatores que ampliam a motivação e o prazer em aprender.

A proposta do livro também fortalece uma aprendizagem interdisciplinar, integrando arte, linguagem, conhecimento ambiental e socialização. A apresentação dos animais do Cerrado estimula o desenvolvimento de repertórios culturais e contribui para a construção de uma relação de pertencimento com o bioma onde muitas crianças brasileiras estão inseridas. Essa contextualização territorial no ensino da arte é defendida por Duarte Júnior (1988), ao compreender que a educação estética se relaciona com o ambiente e as vivências das crianças. Além disso, o formato interativo da leitura possibilita que a contação da história ocorra em grupo, promovendo trocas sociais entre crianças e educadores, favorecendo competências descritas na BNCC (BRASIL, 2017), como comunicação, imaginação e participação em atividades culturais.

Assim, esta proposta de livro infantil não se limita a ser um produto gráfico e ilustrativo; ele se apresenta como um material pedagógico que articula estética, afeto e conhecimento, possibilitando experiências sensoriais e cognitivas relevantes para o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 2 anos. O livro “Qual é esse animal?” constitui um recurso educativo fundamentado na teoria e alinhado às necessidades da Educação Infantil contemporânea, contribuindo para que o ensino da arte e das experiências visuais seja reconhecido como parte essencial do processo formativo na primeira infância, que é a fase em que a criança constrói seu

conhecimento ativamente, explorando o ambiente, experimentando e criando hipóteses sobre o mundo ao seu redor de acordo com Piaget (1974).

## 6.1. PROCESSO CRIATIVO E PRODUÇÃO DO LIVRO INFANTIL

O processo criativo do livro começou pela escolha das cores, elemento central para atrair a atenção das crianças de 0 a 2 anos e estimular sua percepção visual. A partir delas, selecionei animais do Cerrado que possuem características marcantes nessas tonalidades, garantindo uma relação direta entre estética e conteúdo educativo. Em seguida, realizei esboços de como imaginei a composição de cada página, e busquei referências fotográficas dos animais escolhidos para orientar o desenho. Esse planejamento inicial contribuiu para alinhar intenção pedagógica e expressão artística, permitindo que cada imagem fosse pensada tanto para o aprendizado quanto para o encantamento das crianças.

Figura 6 - Esboço da ideia



A produção das ilustrações foi feita inicialmente de forma manual. Comecei com um desenho leve a lápis e, posteriormente, utilizei giz pastel oleoso para a aplicação de cores, sempre partindo dos tons mais claros até chegar aos mais escuros, destacando sombras e profundidade. Ao final, finalizei os detalhes com lápis grafite e caneta branca. Após concluir todos os desenhos, digitalizei as imagens e as editei no aplicativo Ibis Paint X, adicionando fundos coloridos, bordas brancas de destaque e criando também as silhuetas em preto, a partir da pintura total da figura. Essa mistura de técnicas analógicas e digitais reforça meu estilo artístico pessoal, que valoriza a experimentação e a diversidade de materiais.

Ao optar por esse estilo visual, busco romper com a ideia recorrente de que ilustrações para bebês e crianças pequenas precisam ser excessivamente infantilizadas. Acredito que é possível oferecer uma estética que respeite minha produção artística, respeitando meu repertório artístico e, ao mesmo tempo, garantindo o teor pedagógico necessário para esse material. Assim, o livro se torna um produto autoral que reflete minha trajetória no Curso de Artes Visuais e evidencia a articulação entre teoria, prática e identidade criativa.

Figura 7 - Página do Lobo-Guará

Meu pelo é ruivo e caminho devagar,  
pelo Cerrado imenso gosto de andar.

Quem é esse animal?



É o Lobo-Guará

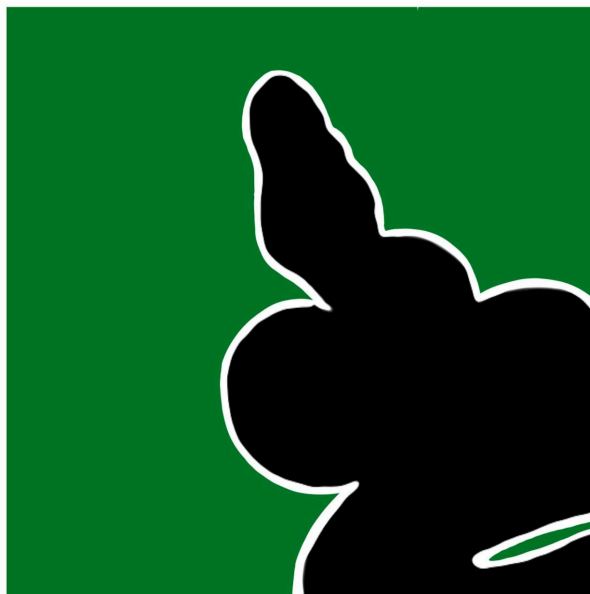


Fonte: Acervo pessoal

Figura 8 - Página da Jibóia

Sem pernas caminho, me arrasto pelo chão,  
me enrolo nas árvores e prefiro a escuridão.

Quem é esse animal?



É a Jibóia



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 9 - Página da Arara-Azul

Minhas penas são azuis como o céu,  
meu voo parece arte fora do papel.

Quem é esse animal?



É a Arara-Azul



Fonte: Acervo Pessoal

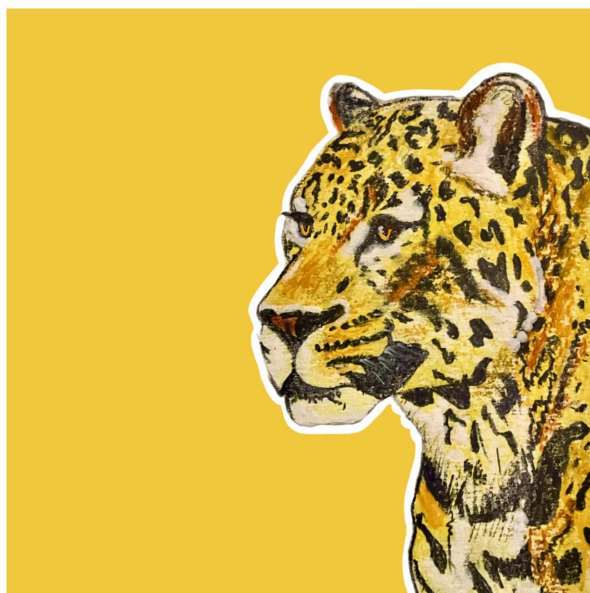
Figura 10 - Página da Onça-Pintada

Tenho pintas de montão, difíceis de contar,  
sou silenciosa na caça, ninguém pode me  
escutar.

Quem é esse animal?



É a Onça-Pintada



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 11- Página da Capivara

Sou tranquila e pacífica, sem igual,  
sou amiga da água, um mergulho é natural.

Quem é esse animal?



É a Capivara



Fonte: Acervo Pessoal

Para a criação das rimas que acompanham cada animal, utilizei um processo de escrita pautado na observação de suas características físicas e comportamentais. A partir disso, elaborei diferentes possibilidades de versos e rimas, revisitando e ajustando cada frase até alcançar um resultado sonoro agradável, simples e de fácil memorização para o público-alvo. Dessa forma, o texto e a imagem dialogam entre si, promovendo estímulos visuais e linguísticos que contribuem para o desenvolvimento infantil.

Atualmente, o livro infantil já conta com uma base sólida e praticamente completa, incluindo as ilustrações autorais finalizadas, a digitalização e o tratamento das imagens, os textos e rimas sobre os animais do Cerrado, a pesquisa teórica que fundamenta pedagogicamente a proposta, além da definição clara do público-alvo e a escolha do bioma e das espécies representadas. No entanto, para que o livro avance do TCC para uma publicação efetiva, ainda são necessárias algumas etapas importantes, como a diagramação e o design editorial, que envolvem decidir o formato final do livro, a distribuição adequada entre texto e imagem nas páginas, a escolha da tipografia e a definição das margens para impressão. A elaboração da capa e contracapa deve incluir o título definitivo, o nome da autora e um breve texto de apresentação. Além disso, é recomendável organizar os elementos editoriais obrigatórios, como ficha catalográfica, ISBN (International Standard Book Number) e créditos autorais das imagens. Por fim, podem ser adicionados paratextos que enriquecem a experiência leitora, como uma pequena explicação pedagógica para educadores, a contextualização do Cerrado, bem como definir o modo de publicação, impressa ou digital, para que o livro esteja pronto para ser disponibilizado ao público.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou compreender como as artes visuais podem contribuir para o desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, relacionando fundamentos teóricos com experiências práticas vivenciadas ao longo da graduação. Ao longo da pesquisa foi possível constatar que a arte, quando integrada ao cotidiano da Educação Infantil, promove estímulos essenciais à construção cognitiva, sensorial, emocional e social das crianças, contribuindo para que elas se desenvolvam de forma integral desde muito cedo.

A metodologia adotada consistiu em uma revisão narrativa. De acordo com a Biblioteca Prof Paulo de Carvalho Mattos (2015), a revisão narrativa é um tipo de revisão mais aberta, sem protocolo rígido, em que a seleção das fontes é flexível e pode refletir a percepção subjetiva do autor. Esta revisão foi fundamentada em autores, que discutem o desenvolvimento infantil, a cognição e a importância da arte na primeira infância. Esses estudos forneceram bases teóricas para compreender como a arte é linguagem e mediação no processo de crescimento das crianças. Além disso, foram incluídos relatos de experiência de estágios e projetos realizados durante a graduação, que possibilitaram a aproximação entre teoria e prática, oferecendo elementos reais de observação e análise pedagógica.

Ao vivenciar o ambiente da Educação Infantil em diferentes instituições, pude observar que as crianças constroem conhecimento por meio da exploração sensorial, das interações sociais e das experiências estéticas. A prática pedagógica que reconhece a criança como sujeito ativo fortalece a sua autonomia, amplia sua capacidade de expressão e contribui para a construção de vínculos afetivos com o mundo ao redor. As experiências relatadas, como as propostas com texturas e a atividade da “Mãe do Cerrado”, demonstraram que a arte também contribui para o senso de pertencimento das crianças ao território em que vivem, fortalecendo sua identidade cultural e estimulando a curiosidade sobre o ambiente natural. Dessa forma, reafirmo que a Educação Infantil deve priorizar metodologias que valorizem o brincar, a imaginação e a experimentação, aspectos essenciais para o desenvolvimento saudável nessa faixa etária.

Dentro desse contexto formativo, nasceu a proposta de criação do livro infantil “Quem é esse animal?”, que representa a materialização das aprendizagens teóricas e práticas construídas ao longo do curso. O livro busca oferecer uma experiência lúdica e sensorial às crianças de 0 a 2 anos, utilizando cores, formas,

texturas e rimas como recursos pedagógicos que estimulam a percepção visual, a linguagem e a interação com o mediador da leitura. Trata-se de um produto autoral, que une meu estilo artístico às demandas educacionais da primeira infância, configurando-se como resultado concreto e visual da minha formação no Curso de Artes Visuais. A escolha dos animais do Cerrado reforça o compromisso com a valorização da cultura e da biodiversidade brasileira, estimulando o reconhecimento do território e despertando cuidados ambientais desde a infância. Com esse livro, busquei demonstrar que a arte pode ser uma ponte entre conhecimento, emocional e identidade.

Mesmo com grande parte do material concluído, ainda há etapas editoriais a serem realizadas para que a obra seja efetivamente publicada. No entanto, o trabalho desenvolvido até o momento apresenta base sólida e já se configura como um produto pronto para seguir rumo à publicação. Tenho a expectativa de que este livro se torne acessível às instituições de Educação Infantil, especialmente às que atendem crianças pequenas, e que possa contribuir para práticas pedagógicas mais sensíveis, visuais e criativas. Além disso, gostaria de dar continuidade ao projeto, desenvolvendo novas edições com animais de outros biomas brasileiros, como a Amazônia, a Caatinga e o Pantanal, valorizando a diversidade cultural e ambiental do país.

Acredito que a pesquisa desenvolvida neste trabalho abre caminhos para novas investigações e práticas no campo da arte-educação. Pretendo seguir estudando e aperfeiçoando meu conhecimento, visando contribuir para uma educação estética que respeite e potencialize as múltiplas linguagens das crianças na primeira infância.

Assim, ao responder à pergunta norteadora desta pesquisa, concluo que as artes visuais contribuem profundamente para o desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, pois ampliam percepções, fortalecem vínculos afetivos, aprimoram habilidades cognitivas, incentivam descobertas, socialização e autonomia. A arte se apresenta como uma linguagem potente e necessária, capaz de transformar experiências cotidianas em momentos de aprendizagem significativa.

Este trabalho representa mais do que o encerramento de uma etapa acadêmica: representa o início de uma caminhada profissional que desejo trilhar com sensibilidade, responsabilidade e amor pela Educação Infantil. Meu compromisso é continuar pesquisando, criando e atuando para que crianças

pequenas tenham acesso à arte como direito fundamental, pois é através dela que descobrem o mundo, a si mesmas e tudo aquilo que podem vir a ser.

## 8. REFERÊNCIAS:

ANDRE, M. E. D. A. **Questões do cotidiano na escola de primeiro grau.** Didática e a Escola de Primeiro Grau. Tradução. São Paulo: FDE, 1992.

BARBOSA, Ana Mae; LIMA, Sidiney Peterson F. de (org.). **Artes visuais na educação infantil a partir da abordagem triangular.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte.** Volume 6, 2. Brasília: MEC/SEF, 2006.

BRONDANI, Sergio A. **A percepção da luz artificial no interior de ambientes edificadas.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2006.

BRUN, Susana Rangel Vieira da (Org.). **As artes do universo infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2012. 272 p. ISBN 978-85-7706-072-6.

COSTA, Emilene de Cássia Faria. **Cores: processos e aprendizados de artes visuais.** 2015. 36 f. Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

DEWEY, John. **A arte como experiência.** In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Cap. 3: Tendo uma experiência.

DEWEY, John. **Experiência e educação.** Tradução de Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

D'ANDREA, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico.** 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Educação estética, arte e formação humana.** Campinas: Autores Associados, 1988.

FERREIRA, Kacianni. **Psicologia das cores.** São Paulo: Wak Editora, 2008.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **A arte no processo educativo**. Educação, Santa Maria, v. 31, n. 02, p. 213-226, 2006.

FREITAS, A. E.; RODRIGUES DA SILVA, R. **A emoção das cores no livro infantil, A menina Capu e as tintas mágicas, de Marta Cocco**. Revista Moinhos, 1(11), 2022.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Tradução de Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948.

FREUD, Sigmund. **Esquema del Psicoanálisis**. 2. ed. Tradução de L. Rosenthal. Buenos Aires: Paidós, 1948.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia: a organização das cores na comunicação visual**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

LACY, Marie L. **O poder das cores no equilíbrio dos ambientes**. A cor nos estabelecimentos de ensino. P. 41-45. São Paulo: editora Pensamentos – Cultrix, 1996.

MELLO, Suely Amaral. **Contribuições da teoria histórico-cultural para a educação da pequena infância**. Cadernos de Educação, (50), 2015.

MOREIRA, Marco Antônio. **Melhoria do ensino**. n. 14. Porto Alegre: PADES/UFRGS, 1981.

MOREIRA, Marco A. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

PEREIRA, Marcos Villela. **O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação**. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, jan./abr. 2012.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Tradução de A. L. B. Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

READ, Herbert. **Education through art.** Londres: Faber and Faber, 1943.

READ, Herbert. **A educação pela arte.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1958.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Educação e conhecimento).

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky; uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wilma da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais.** São Paulo: EPU, 1981.

REVISTA DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIRURGIÕES. Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, nov./dez. 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. **Organização do Trabalho Pedagógico.** Departamento de Educação Infantil. Goiânia, 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Psicologia. Biblioteca Dante Moreira Leite. **Revisão de literatura,** 2015.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. **O pensamento e a linguagem.** Tradução de José Francisco Novellino. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Original publicado em 1934).